

A poesia conforme Mário Quintana

Ir. Elvo Clemente
PUCRS



Do magnífico volume de *Poesia completa*, organizado e com prefácio e notas da saudosa e luminar estudiosa Tania Franco Carvalho, escolhi o livro *A vaca e o hipogrifo* para o estudo da poesia conforme Mário Quintana (as páginas citadas referem-se a esta edição). Surpreende o título, nome de um animal manso e real e de outro mitológico fantástico, misto de águia e de leão, celeste e terrestre em sua evocação. O que queria Mário na aproximação desses dois seres? Como vai descobrir os mistérios da poesia na aproximação ou afastamento do real tranqüilo e manso e do mitológico agressivo e inconseqüente? Será a ironia ou humor que Mário quer oferecer, ou simplesmente poesia?

É interessante esclarecer alguns conceitos ou descrições de poesia, colhidos de D. M. Turolto: “A poesia é intuição cósmica, fulguração sobre o *noumeno* das coisas, amor e veneração do fascínio do mundo tentativa de descobrir os segredos que jazem nos seres” (Plouvier, 2002, *Presentazione*).

E Mário escreve em “Poesia e emoção”: “o palavrão é a mais espontânea forma da poesia. Brota do fundo d’alma e maravilhosamente ritmada. [...] Por isso é que não nos toca a poesia feita a frio, de fora para dentro, mas a que nos surge do coração como um grito, seja de amor, de dor, de ódio, espanto ou encantamento” (p. 525). No poema “Germinal” escreve: “Planto / com emoção / este verso em teu coração” (p. 548).

Mário Quintana vibra em sua arte poética, razão de ser de sua vida; por isso apresenta com destaque o verso de Lorenzo Stecchetti (1845-1875). “Io sono poeta o sono imbecile”, que soa como programa ideal de existência. É curioso observar como o poeta da

modernidade busca no romântico italiano o mote de sua razão de ser.

Quintana coloca na arte toda a força do ser na revelação no poema “O menino e o milagre”: “O primeiro verso que um poeta faz é sempre o mais belo porque toda a poesia do mundo está em ser aquele seu primeiro verso...” Projeta em “Transcendência”: “Mas um belo poema – já não será a Outra Vida?” (p. 524). “O menininho ficava apenas um momento bebendo o vento azul [...] Mas o azul irreversível persiste em meus olhos” (p. 528). Nessas expressões, o poeta deixa-se colher pelo místico que existe nos seres, na natureza. Tudo é sublimado pela mágica da poesia.

Mário analisa o labor como algo necessário à vida normal da pessoa, sendo a poesia necessária: “O exercício da arte poética é sempre um esforço de auto-superação, assim o refinamento do estilo acaba trazendo a melhora da alma. Ultrapassagem de um estado de espírito a outro degrau: “[...] a poesia é a única novidade possível” (p. 564). A poesia, porque alcança a superioridade da inspiração e do espírito, perdura além das coisas sujeitas a sucatas, a poesia nunca, pois é um sopro de eternidade”. O poema é revelação, é como uma Nau do Descobrimento, onde de súbito do topo do mastro gritassem: “Terra à vista! Terra à vista!” (p. 547). Discute-se a mensagem do poema, Mário em seu humor lírico exclama: “Mas afinal, [...] poema já é uma interpretação” (p. 509). Em outro momento traz-nos “A revelação”: “Um bom poema é aquele que nos dá a impressão de que está lendo a gente... e não a gente a ele!” (p. 532).

A disposição do leitor, ao buscar o poema é de “Aproximações”: “Todo poema é uma aproximação. A sua incompletude é que o aproxima da inquietação do leitor” (p. 521). A arte eleva o ser humano a outro estágio, a outro ambiente, criado pela leveza e suavidade de Cecília. “A atmosfera dos poemas de Cecília é a mesma que respiram as figuras de Botticelli. Tanto neste como naquela, há uma transfiguração das criaturas” (p. 524). Eleva-se a poesia à mística, o humano encontra ou se transfigura no divino. “Os invasores” constitui um poema revelador da função do poeta, com profundo humor: “Há muito que os marcianos invadiram o mundo: / são os poetas / e / como não sabem nada de nada / limitam-se a ter os olhos muito abertos / e a disponibilidade de um marinheiro em terra... / Eles não sabem nada nada / – e só por isso é que descobrem tudo.” (p. 552).

Vê-se por um lado a ignorância sedenta de saber e a humildade e a simplicidade que permitem penetrar nos meandros da natureza do ser humano e poder proclamar. “Terra à vista!”.

Complementar-se a reflexão com “Golpe de Estado”: “Mas desde que façam votos de simplicidade e portanto de clareza. E elaborem em conjunto um manual básico acessível a todos” (p. 565-566).

Buscando a clareza pela simplicidade, fica intrigado com as reticências, genial invenção dos humanos – “Em todo o caso, desconfio muito que esses três pontinhos misteriosos foram a maior conquista do pensamento ocidental...” (p. 537) –, quer clareza por outro elogio à posição reticente.

O estilo marca o artista: “Porque o estilo é a cara” (p. 562). Falando de estilo, os textos de Mário Quintana são inconfundíveis. Quer em poemas mais extensos, quer em poucos versos, a cara do poeta é indispensável. “O estilo é o homem”, escreveu Buffon.

Mário Quintana revelou-se em 1940, com o livro de sonetos *A rua dos cataventos*. Em pleno modernismo, aparentemente entrou na história literária na contramão. É curiosamente revelador o poema “A rua do poeta”, em que é lembrada uma via no centro de Paris, de uma quadra só, que ostenta o nome de Guillaume Apollinaire, preferido de Quintana. Continua a reflexão: “Porque o reino do poeta... bem, não me venham dizer que não é deste mundo. Este e o outro mundo, o poeta não os delimita: unifica-os. O reino do poeta é uma espécie de Reino Unido do Céu e da Terra” (p. 516). Neste texto humorístico ou irônico existe a união da poesia com a mística: elevação do ser humano para além de sua materialidade em busca da espiritualidade, pois a poesia e a mística andam irmanadas no gesto inspirado e revelador do mistério do ser humano, barro, vivificado pelo sopro divino.

Ao mesmo tempo, Quintana trata a poesia aproximando-a do transcendente ou referindo-a a um toque de humor, conforme a palavra que ele busca na biografia de Rivarol, escrita por Louis Latzarus: “A ironia é o espírito à custa dos outros, o humor é o espírito à custa própria” (p. 563).

O poeta preocupa-se com a leitura, exalta o ato de ler. Rememora com ternura o ensino de leitura e de redação do saudoso professor Antônio Cabral Beirão, com aulas de leitura, de ditado e de redação no Curso Elementar. Insiste na verdade: “E como a gente aprende a escrever lendo, da mesma forma que aprende a falar ouvindo” (p. 573). Recorda as primeiras leituras de *As minas*

de prata, de José de Alencar, *A família Agulha...* “Parece que, desde então, compreendi que o enredo é o pretexto, e o essencial a atmosfera. É que a insatisfação faz parte do fascínio da leitura. Um verdadeiro livro de um senhor autor não é um prato de comida, para matar a fome. Trata-se de outro pão, mas que nunca sacia... É ainda bem!!!” (p. 535). Que bela lição o poeta oferece à juventude e aos cidadãos de hoje!...

Continua o mestre com o poema “O silêncio”: “Convivência entre o poeta e o leitor, só no silêncio da leitura a sós. A sós, os dois. Isto é, livro e leitor. Este não quer saber de terceiros, não quer que interpretem, que cantem, que dancem com poema. O verdadeiro amor de poemas ama em silêncio...” (p. 535). Como são sábios os versos prosaicos e plenos de verdadeira poesia do poema do silêncio!

Em outro poema esparsos por estas páginas exalta “o delicioso vício da leitura”, fonte de geniais virtudes... Contrariando Mário Quintana, que não queria que se interpretassem os poemas, por serem eles interpretações da vida, dos seres, do mundo, aventuro-me a retornar ao título do livro – *A vaca e o hipogrifo*. Por que a aproximação dos dois seres, o animal e monstro mitológico?

Surge o poema “Eis senão quando” (p. 551-552) em que o homem do Alegrete, motivado por uma película do cinema mexicano, compôs um texto em espanhol de que recolheu dois versos, aqui transcritos: “Llenas estan mis praderas / De tristes lunas y vacas”. E aí surge o lírico poema enaltecendo a beleza e as virtudes da vaca, livre nos horizontes sem fim do pampa, de que são transcritos alguns versos: “Tão lenta e serena e bela majestosa vai passando a vaca. / [...] / Cantaria o gosto dos arroios bebidos de madrugada, / Tão diferentes do gosto de pedra do meio-dia! / [...] / O vôo decorativo dos quero-querros, / Ou, quando muito, / A longa, misteriosa vibração dos alambrados...” (p. 551-552). Humoristicamente, no poema aproxima a vaca à figura de Maria: “Por que que tu não és uma vaca, Maria? / Por quê / Ficaria tudo muito mais simples e verdadeiro...” (p. 552).

Sublimou o ser animal, tornando-o igual ou superior ao ser humano. O livro, com esta referência à vaca, mostra o lado belo e singelo da existência humana. Mas o título vai além, tem o aditivo *hipogrifo* – também animal, muito diferente da vaca, fabuloso com cabeça, bico e asas de águia, e terrestre, representado pelo espaço aéreo, próprio da águia, e pelo leão, símbolo de sabedoria e força.

O livro *A vaca e o hipogrifo* é a reunião de poemas que revelam a simplicidade e a serenidade da vaca e ao mesmo tempo os temas grandiosos tratados na simplicidade e serenidade, num misto de ironia e de humor, revelando o lado humano, divino e fantástico da vida e da missão de ser humano que serenamente canta as belezas das pradarias e desafia em seus vôos de águia os páramos do infinito, pois o ser humano é o hipogrifo uivando para o etéreo.

Referências

QUINTANA, Mário. *Poesia completa*. Org. por Tania Franco Carvalhal. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005.

PLOUVIER, Paule (Dir.). *Poesia e mística*. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticano, 2002.